

INTERSECÇÕES ENTRE TEORIA LITERÁRIA, CRÍTICA E TRADUÇÃO NO PENSAMENTO DE UGO FOSCOLO

KARINE SIMONI¹

RESUMO: Ugo Foscolo (1778-1827), um dos principais autores da literatura italiana do Oitocentos, é conhecido principalmente pelas composições poéticas, pelo romance epistolar *Le ultime lettere di Jacopo Ortis* e pela existência desregrada e patriótica, embora tenha desenvolvido uma intensa atividade de ensaísta, crítico literário e tradutor. O artigo comenta algumas das ideias de Foscolo sobre a teoria literária, a crítica literária e a tradução, presentes nos seus ensaios críticos, e discute como a intersecção entre esses campos do conhecimento não só ofereceu importantes contribuições para a crítica e a teoria literária e a teoria da tradução no período, como também se constitui em um importante subsídio para melhor compreender a escrita poética do autor.

PALAVRAS-CHAVE: Ugo Foscolo, teoria literária, crítica literária, tradução.

1. Universidade Federal de Santa Catarina
kasimoni@gmail.com



ABSTRACT: *Ugo Foscolo (1778-1827), uno dei principali autori della letteratura italiana dell'Ottocento, è conosciuto principalmente per i suoi componimenti poetici, per il suo romanzo epistolare Le ultime lettere di Jacopo Ortis e per la sua vita sregolata e patriottica, sebbene abbia svolto un'intensa attività di saggista, critico letterario e traduttore. Questo articolo commenta alcune idee di Foscolo sulla teoria letteraria e la traduzione, presenti nei suoi saggi critici, e discute come l'intersezione fra questi campi della conoscenza non solo offre importanti contributi alla critica e alla teoria letteraria e alla teoria della traduzione nel suo tempo, ma rappresenta anche un sussidio importante ai fini di una comprensione migliore della poetica dell'autore.*

PAROLE CHIAVE: *Ugo Foscolo, teoria letteraria, critica letteraria, traduzione.*

ABSTRACT: *Ugo Foscolo (1778-1827), one of the main authors of the Italian literature in the nineteenth century, is best known for his poetic compositions, his epistolary novel Le ultime Lettere di Jacopo Ortis and for his dissolute and patriotic existence, though he had developed an intense activity as an essayist, literature critic and translator. This article considers some Foscolo's ideas on Literature Theory, Literature Criticism and Translation, present in his critical essays, and discusses how the intersection between these fields of knowledge provided important contributions to literature criticism and theory and translation in that time. It is also an important subsidy to better understand the author's poetic writing.*

KEYWORDS: *Ugo Foscolo, literary theory, literary criticism, translation.*

N

o conjunto de ensaios *Della morale letteraria*, concebidos em forma de aulas para a cátedra de eloquência da Universidade de Pavia em 1809, Ugo Foscolo (1778-1827) chama a atenção para o cenário em que se encontrava a literatura italiana no período:

(...) ormai le inquiete vicissitudini degli Stati, e il decadimento delle arti d'immaginazione, e il freddo calcolo delle scienze a cui par che si vogliano sottoposte tutte le grandi e generose forze degl'ingegni, e le fazioni delle scuole letterarie, e la scarsezza degli uomini grandi in letteratura mi avvisano che difficilissima è la gloria e scarsi gli emolumenti della letteratura. (1972-VII, p. 98).

A crítica de Foscolo dirige-se principalmente ao uso de regras pré-estabelecidas como parâmetro para se estudar a literatura, e aos literatos e críticos que, em nome do lucro, obedeciam aos interesses do governo napoleônico², em detrimento da independência do escritor, condição que o autor considera fundamental para se escreverem boas obras. De fato, em praticamente toda a escrita ensaística, Foscolo defende a liberdade do escritor e repudia o academicismo que predominou no século das Luzes em prol do engajamento civil do literato. Diz ele que “*l’amore delle lettere e l’amore della patria [...] l’uno non può mai andare disgiunto dall’altro*” (1972, p. 97).

Sem dúvida, a experiência civil e literária de Foscolo faz dele um dos principais autores da literatura italiana na passagem do século XVIII para o XIX. Porém, certos aspectos da sua obra e personalidade carecem de estudos mais aprofundados, como é o caso dos ensaios que compõem o maior volume da sua obra, pouco conhecidos talvez pelo interesse maior da crítica na poesia, no *Ortis* e nos aspectos biográficos. Por isso, o objetivo desse artigo é analisar os ensaios de Foscolo para identificar as intersecções entre teoria literária, crítica e tradução no seu pensamento, bem como apontar as principais contribuições do autor nesses campos do conhecimento. O corpus da minha pesquisa são os ensaios *La chioma di Berenice* (1803), *Della poesia, del tempo e della religione di Lucrezio* (1803), *Esperimenti di traduzione dell’Iliade*, (1807) e *Dell’origine e dell’ufficio della letteratura* (1809), escritos no período italiano, e os ensaios *Saggio sulla letteratura contemporanea in Italia* (1818), os *Saggi sul Petrarca* (1821-1823), *Della “Gerusalemme Liberata”* (1822), *Principj di critica poetica* (1823), *Epocche della lingua italiana* (1823) e *Discorso sul testo della Commedia* (1826), dentre outros, escritos entre 1816 e 1827 durante o exílio em Londres.

A primeira observação a ser feita ao se analisar o pensamento teórico-crítico

2. Ao chegar à Itália em 1796, Napoleão recebeu o apoio de Foscolo, mas, com a assinatura do Tratado de Campoformio, em 1797, que anexaria o Vêneto à Áustria, Foscolo passa a ver em Napoleão e seus seguidores o símbolo da tirania.

de Foscolo é o fato de o autor não ter sistematizado o seu pensamento, embora a sua teoria, tanto literária quanto da tradução, esteja constantemente relacionada à crítica. Entretanto, essa característica não constitui um problema, pois, segundo Weliek, a crítica, a teoria e a história literária “acham-se tão implícitas umas nas outras que tornam inconcebível a teoria literária sem crítica ou história, ou a crítica sem a teoria ou história, ou a história sem teoria e crítica” (WELLEK, 1963, p. 13). Nesse sentido, pode-se pensar o mesmo da tradução. Assim, buscarei articular o significado de cada uma a partir do diálogo entre ambas, para assim oferecer uma compreensão mais ampla do pensamento do autor sobre o tema.

Não menos importante é ressaltar que Foscolo procurou manter-se distante das normas acadêmicas, por acreditar que elas são “*uno dei mille tentativi più ambiziosi che utili, nei quali i mortali spendono l’ore e l’ingegno*” (1958-I, p. 7). Como consequência, suas reflexões não estão elaboradas de forma sucinta, tampouco concentradas em um único texto. Mesmo que tenha negado o estudo das obras literárias por meio de categorias, parece-me que Foscolo instituiu um método de análise e mostrou-se renovador em muitos aspectos.

Em relação à teoria da literatura, uma das ideias mais importantes que Foscolo desenvolve refere-se aos gêneros literários, particularmente à poesia, que teria a função de

cantare memorabili storie, incliti fatti ed eroi, accendere gli animi al valore, gli uomini alla civiltà, le città all’indipendenza, gl’ingegni al vero ed al bello. Ha perciò d’uopo di percuotere le menti col meraviglioso, ed il cuore con le passioni.
(1972-VI, p. 302-3).

Provavelmente por considerar a poesia o gênero superior, a maior parte das reflexões de Foscolo sobre literatura está voltada para ela³. Essa ideia foi retomada por Leopardi, que, no *Zibaldone*, afirma que o gênero lírico é o primeiro de todos os gêneros (GUERINI, 2007, p. 110). Mas a qual poesia Foscolo se refere?

A poesia mais bem avaliada pelo autor é a poesia antiga, definida como “*sola fonte di scritti immortali*” (1972, p. 271). Para Foscolo, a poesia é a mais antiga das artes porque comporta uma mistura de pintura, música e eloquência, sendo por isso “*la madre delle altre belle arti e la maestra dei più nobili artisti*” (1958-I, p. 17) Em outro momento, o autor destaca que considera “*grandissimi e veri poeti que’ pochi primitivi di tutte le nazioni, che la teologia, e la politica, e la storia dettavano co’ lor poemi alle nazioni*” (1933, p. 358). Por não se preocuparem com normas pré-estabelecidas, os poetas primitivos tinham a liberdade de abordar diferentes áreas do conhecimento, e para Foscolo é justamente essa característica que origina a mais alta poesia. Na poesia antiga os gêneros estariam misturados e, dessa forma, a geografia da Grécia poderia ser ensinada por Homero e a história das cruzadas por Tasso (1953, p. 534).

As diferenças entre os gêneros literários não parecem significativas para Foscolo. No *Piano di Studi*, elaborado em 1796, o autor cita as obras que considera mais importantes e inclui a tragédia e o romance como poesia, diferentemente da poética clássica. Essa ideia é mantida na maturidade, quando o autor afirma que os gêneros estão entrelaçados e não podem ser vistos separadamente. Afirma que, ao confrontar uma obra,

se sia composta in una serie di odi o in una sola, o in canti e stanze epiche o narrative, o in rappresentazioni drammatiche, o in istile composto di narrazione e di lirica, poco rile-

3. Foscolo também teoriza sobre o gênero épico-heróico, o dramático, a oratória e a história, que para o autor também pertence à literatura. Por questão de espaço, deter-me-ei aqui apenas nas considerações de Foscolo sobre o gênero lírico.

va. Distinzioni di generi e specie di poesia non hanno altro fondamento che le apparenze superficiali del metro. (1953, p. 536).

Ceserani e De Federicis assinalam que, no século XVIII, não existia uma distinção clara entre os gêneros, pois, ao escolherem uma forma ou um gênero, os poetas e os críticos “*lo facevano pensando alla destinazione e alla funzione delle loro scelte e agli effetti che esse potevano avere sul pubblico*” (1995-III/2, p. 689). Nesse sentido, parece-me que a postura de Foscolo de colocar a poesia como o principal gênero literário esteja relacionada à consequência que essa poderia causar na sociedade. Admirador de Alfieri, que identifica a poesia com o ideal de liberdade, Foscolo concebe a busca pelos valores do mundo antigo como um caminho para a restauração da ordem que teria sido suprimida após a chegada de Napoleão na Itália. A literatura, especialmente a poesia,

ammaestrano gli uomini per mezzo dello studio degli uomini, ed eccitando passioni, e commovendo l'anima a tutti gli affetti tumultuanti dell'uomo, danno più vigore ad operare, rinforzano i sentimenti d'indipendenza individuali, agitano tutte quante le opinioni morali e politiche. (1964, p. 19).

Ao agir sobre o costume ético e político da sociedade, a poesia se constitui também como meio para alcançar a unidade política e social, pois só a verdadeira poesia poderia despertar as virtudes civis. Nesse sentido, podemos atribuir a Foscolo o papel do intelectual que, no século XVIII, deixa o isolamento dos estudos e se faz político. Essa teria sido a atitude dos grandes autores da antigui-

dade e também dos grandes autores da Itália, como Dante, Maquiavel e Parini, que abordaram as questões políticas nas suas obras e que, por isso, foram admirados por Foscolo. Já na literatura contemporânea, poucos eram os que poderiam ser considerados poetas, pois:

Quando il dispotismo incatenava il genio, e rendesi mercenaria la letteratura perche lo servisse ne' suoi disegni, i grandi autori scomparvero, e al luogo loro saliva una folla innumerevole di tali che erano men che mediocri. S'assunsero costoro l'ufficio di scrivere storie letterarie a promulgare i codici della critica. (FOSCOLO, 1953, p. 522).

De acordo com Foscolo, a poesia antiga concentrava todos os gêneros literários por representar os sentimentos do poeta, transmitia suas paixões, crenças religiosas, costumes e as aspirações dos seus povos. Porém, o surgimento da crítica e das normas para escrever teria aprisionado o gênio, ou seja, a capacidade individual do escritor, o que teria originado a decadência das letras italianas. Para Foscolo toda obra de arte, especialmente a literatura, é o resultado de uma reflexão subjetiva, individual. Pode-se dizer, então, que Foscolo antecipa as teorias do século XX, como a de Croce, que escreve: ***

Dalla teoria dei generi artistici e letterari, derivano quelle fogge erronee di giudizio e di critica, mercé le quali, innanzi a un'opera d'arte, invece di determinare se sia espressiva [...] si domanda: è essa conforme alle leggi del poema epico, o a quelle della tragedia? [...] Ogni vera opera d'arte ha violato un genere stabilito, venendo così a scompigliare le idee dei critici. (1957, p. 44).

Croce alerta para o fato de o crítico/leitor frequentemente se preocupar mais em considerar se a obra literária condiz com as convenções do gênero a que deve estar ligada do que em avaliar se o que o texto demonstra é realmente significativo. Da mesma forma, Foscolo concebe a arte como expressão do sentimento e aponta que o foco da análise deve estar no gênio do escritor/artista e não em categorias pré-determinadas. Escreve ele:

il poeta deve guardarsi più ch'altro dall'accompagnare i lavori della sua immaginazione con discussioni di teorie e regole dell'arte poetica, le quali tutte, giuste, o assurde, o controverse che siano, sono tali di lor natura da trasformare un uomo di genio in sognatore metafisico ed in pedante. (1958, p. 562-3).

É preciso considerar que Foscolo vivencia, ao longo da sua vida, intensos debates com literatos e críticos. Ao escrever a maioria dos ensaios críticos durante o exílio, afastado da Itália pela distância temporal e geográfica, ele retoma a crítica aos *sognatori metafisici* e aos *pedanti*, responsáveis pela decadência cultural da Itália e pelo declínio das letras. Seria, então, a crítica totalmente condenada por Foscolo?

Foscolo considera o seu tempo como uma época científica e, por utilizar-se da ciência e da razão, não seria capaz de entender o mundo antigo, no qual as formas poéticas e o gênio do escritor estavam plenamente desenvolvidos. Abolir a crítica, portanto, é uma atitude desaconselhada, pois o ideal seria melhorar o modo como era realizada. O autor atribui uma grande importância à experiência e à história como parâmetros para se desenvolver a crítica, conforme consta nas primeiras páginas de *La chioma di Berenice*:

(...) il commento deve essere critico per mostrare la ragione poetica: filologico per dilucidare il genio della lingua e le origini delle voci solenni; istorico per illuminare i tempi ne' quali scrisse l'autore ed i fatti da lui cantati; filosofico acciocchè dalle origini delle voci solenni e da' monumenti della storia tragga quelle verità universali e perpetue rivolte all'utilità dell'animo alla quale mira la poesia. (1972, p. 280).

Os parâmetros para a crítica parecem seguir os mesmos preceitos para o poeta e o tradutor: ambos não deveriam se limitar a regras para demonstrarem o que sentem; por sua vez o crítico deve seguir a mesma lógica e não se ater a princípios pré-estabelecidos, mas analisar a obra com base em um conjunto de fatores que incluem, além da análise poética, a questão da língua, do momento histórico e das tendências filosóficas que influenciaram o escritor.

Parece-me que Foscolo se distancia da concepção da crítica que, da Antiguidade Clássica e até o século XVIII, teria sido “dogmática, absoluta e objetiva” (AUERBACH, 1972, p. 27). A partir do século XVIII, ocorre uma renovação significativa do modo de ver a crítica. As análises minuciosas em forma de tratado sobre os gêneros foram substituídas por ensaios críticos breves, muitos dos quais em forma de artigo de jornal ou carta, caracterizados pela reflexão do crítico e não pela preocupação em seguir preceitos, como aqueles estabelecidos na *Poética* de Aristóteles (CESERANI; DE FEDERICIS, 1995, III-2. p. 1100). Além disso, os textos passam a ser destinados a um público mais vasto. Ainda nas primeiras décadas do século XIX, o crítico literário assume também a função de crítico militante (CESERANI; DE FEDERICIS, 1995, IV-1. p. 38) e, ao lado do crítico que elabora teorias e julgamentos sobre as obras, o crítico que participa da vida militar e política ganha espaço.

No elenco de obras consideradas importantes que Foscolo organizou no *Piano di Studi*, Longino e Marmontel figuram entre os livros de crítica. Além dessa referência, Foscolo diz que, para exercer a crítica literária, é preciso também “*gusto innato di anima, senza cui tutti i libri di critica sono nulli*” (1972, p. 6).

Essa afirmação parece-me sintetizar o pensamento de Foscolo sobre as qualidades que um crítico deve ter. Embora tenha elaborado essa formulação muito jovem, provavelmente aos 18 anos de idade, Foscolo demonstra ter adotado essa postura ao longo de toda a vida. De fato, nos ensaios críticos encontram-se reflexões, comentários, citações e ideias que evidenciam que, desde as primeiras experiências literárias, ele se preocupou mais com a condição natural e instintiva do indivíduo necessária para desempenhar um juízo de valor do que com as regras e realizou duras críticas contra a forma de análise ensinada nas escolas e academias, especialmente pelos retóricos e historiadores da literatura.

A principal contribuição de Foscolo para o método crítico está, parece-me, no fato de que ele o considera com base na experiência e na observação. É importante perceber que tais princípios devem necessariamente ser avaliados em seu conjunto, porque a análise geral da obra não é feita pelo viés da estética com fim em si mesma, mas procura demonstrar o poeta como um todo, com sua vida, seu empenho, sua obra, o uso da palavra, a utilidade para a sociedade. Escreve Foscolo que, na análise crítica, é preciso que se observe:

1º. La storia de' tempi in cui visse l'autore; 2º. La vita ed il carattere dell'autore, considerato come uomo, e l'utile e il danno che può aver arrecato ai suoi tempi, a' concitadini, ed ai posteri come scrittore; 3º. Per ultimo si facciano vedere le bellezza e i difetti generali dell'opera letta, e poi nell'osservazione generale si discenda di grado in grado ai particolari, sino alla minuta analisi. (1964, p. 21).

É possível perceber que, mesmo manifestando-se contrário às regras e sistematizações, Foscolo estabelece um método crítico para a análise literária. Parece-me, então, que exista uma aparente contradição, pois, ao mesmo tempo em que mostra aversão às normas, o autor apresenta o que poderia ser a sua metodologia de estudo e análise crítica.

A crítica literária, entendida por Foscolo como o estudo da obra literária que contemple a análise do período histórico, a biografia do escritor e os elementos estéticos, é considerada pelo autor uma forma de aproximar-se da poesia antiga. Dessa forma, a crença de que o exemplo dos antigos poderia reverter o processo de decadência da literatura italiana contemporânea serviu também para impulsionar o interesse de Foscolo pela tradução, visto como o caminho para a aproximação com o mundo clássico. Provavelmente por isso a atividade que Foscolo desenvolveu como tradutor foi tão constante quanto as composições poéticas e ensaísticas, como se pode visualizar na tradução comentada *La chioma di Berenice*, e no conjunto de textos *Esperimenti di traduzione dell'Iliade*, datados a partir de 1807. Em ambas, Foscolo discute problemas teóricos referentes à prática da tradução e estabelece propostas críticas genuínas.

Além da ideia de que a comparação entre o mundo Moderno e Antigo seria a chave para a regeneração dos costumes morais e políticos banidos por Napoleão, uma das principais teses de Foscolo no campo da tradução trata do ganho linguístico que as traduções e versões dos clássicos poderiam fornecer à língua italiana, contribuindo para elevá-la. Nesse sentido, pode-se afirmar que a forma como Foscolo aproxima a poesia e a tradução não é uma simples adesão à tendência do período, o chamado *Neoclassicismo*⁴. Qual seria a melhor forma de traduzir os antigos de forma a preservar o seu pensamento?

Segundo Foscolo, “*Le immagini, lo stile e le passioni sono gli elementi*

4. Utilizo o vocábulo no sentido proposto por Ceserani e De Federicis, que empregam o termo para designar a temática, o gosto e o estilo caracterizados pelo interesse e admiração da cultura clássica, que se desenvolveu na Europa por volta da segunda metade do século XVIII e se estendeu até as primeiras décadas do século XIX (1995, p. 47).

d'ogni poesia” (1961-I, p. 8) e, portanto, devem ser considerados pelo tradutor. Sobre a primeira, Foscolo afirma que “*l'esattezza delle immagini omeriche non può derivare in chi le copia se non dalla teologia, dagli usi e dalle arti dell'età eroiche*” (p. 8). Em outras palavras, além de conhecer bem a obra, o tradutor necessita dominar também a imagem que a viu surgir, ou seja, o seu contexto histórico e cultural. Em relação ao estilo, Foscolo teoriza que o mesmo provém da harmonia, do movimento e do colorido das palavras. Escreve ele:

(...) *l'armonia si sconnette nelle versioni, e le minime idee concomitanti d'ogni parola e che sole in tutte le lingue danno tinte e movimento al significato primitivo, si sono smarrite per noi posteri con l'educazione e la metafisica dei popoli quasi obbliati.* (p. 8)

Uma vez que a harmonia é inerente a cada língua, as ideias que oferecem movimento às palavras podem se perder na transposição de uma língua à outra. Daí porque é necessário que o tradutor atente-se não apenas ao vocábulo que deseja traduzir, mas principalmente ao significado dele, o que exige conhecimento de poesia e senso crítico.

Por fim, o terceiro e último elemento destacado por Foscolo é a paixão, “*elemento più necessario degli altri, e così universalmente diffuso nell'Iliade, s'io lascerò freddi i lettori, non sarà colpa dell'incertezza del gusto nè delle storie, ma tutta mia e del mio cuore*” (p. 9). Apenas um tradutor que fosse também poeta e dotado da faculdade de exercitar a imaginação poderia se aproximar da *Ilíada* para traduzi-la. Um gramático ou um literato como Cesarotti, “*che non voleva nutrirsi degli antichi, bensì nutrirli e vestirli*” (p. 9) e que, ao invés de traduzi-lo,

preferiu apenas imitá-lo, não seria capaz de transmitir por completo a mensagem de Homero.

É possível perceber que para Foscolo a melhor tradução consistia naquela que proporcionava ao leitor o mesmo efeito que a leitura do original. Esse resultado não era obtido pela simples transposição do texto grego para o italiano, pois Foscolo considerava infiéis as traduções baseadas apenas no léxico. Para traduzir a *Ilíada*,

bisogna primamente spirito poetico, ed artificio meraviglioso del vero ed affluente ricchezza di lingua, e corredo infinito di erudizione critica, e militare, e geografica, e pazienza incompatibile col caldo ingegno e leggere non tanto i commentatori dal risorgimento delle lettere fino ad oggi, bensì gli scolastici greci dell'età di Atene sino alla caduta del regno di Oriente i quali soli possono come dotti dell'idioma delucidarne infiniti passi di vocaboli ambigui. (1961, p. 167)

A boa tradução deve oferecer a eloquência, a paixão, a imagem e a harmonia do original, para que o leitor possa sentir aquilo que o poeta e o tradutor sentiram primeiro. Daí porque, para Foscolo, a tradução de um texto poético deve ser feita por um poeta e não por um filólogo preocupado apenas em manter a fidelidade das palavras. O tradutor deve ser, ao mesmo tempo, poeta e intérprete da cultura sobre a qual traduz; deve ter uma cultura ampla em todos os sentidos, para entender não apenas o significado das palavras, mas também o seu valor estético no contexto da obra.

Origem e função da literatura, autonomia e exemplo dos escritores antigos,

poesia como mãe das belas artes, indissociabilidade dos gêneros literários, imagens, estilo e paixão como instrumentos do tradutor são temas que perpassam a teoria da literatura, a crítica literária e a tradução em Foscolo.

Nesse estudo, constatei que, apesar de a atividade de Foscolo como teórico, crítico e tradutor não ter sido devidamente avaliada pela crítica e de ele ter-se mostrado contrário às regras e sistematizações no estudo da literatura, as reflexões que elaborou apresentam uma teoria e uma metodologia coerentes que, se mais bem conhecidas, contribuiriam para ampliar o conhecimento nesses campos de estudo, bem como no tocante à poética do autor, visto que, para ele, literatura, tradução e crítica literária são atividades que apresentam vários elementos em comum. Alguns desses elementos foram apresentados aqui, mas a contribuição de Foscolo para esses campos do conhecimento está longe de ser esgotada, e os ensaios do autor oferecem grandes oportunidades de pesquisa e articulação entre as diferentes áreas.

Referências Bibliográficas

AUERBACH, E. *Introdução aos estudos literários*. 2. ed. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

CROCE, B. *Problemi di estetica e contributi alla storia dell'estetica italiana*. Bari: Laterza, 1954.

CESERANI, R.; DE FEDERICIS, L. *Il materiale e l'immaginario*. Vol. III-2 e Vol. IV-1. Torino: Loescher, 1995.

GUERINI, A. *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi*. São Paulo: EDUSP; Florianópolis: UFSC-PGET, 2007.

FOSCOLO, U. *Scritti letterari e politici dal 1796 al 1808* (a cura di Giovanni Gambarin). v. VI. Firenze: Le Monnier, 1972.

_____. *Lezioni: articoli di critica e di polemica (1809-1811)* (a cura di Emilio Santini). v.

VII. Firenze: Le Monnier, 1972.

_____. *Saggi e discorsi critici (1821-1826)* (a cura di Cesare Foligno). v. X. Firenze: Le Monnier, 1953.

_____. *Saggi di letteratura italiana*, I e II (a cura di Cesare Foligno). v. XI. Firenze: Le Monnier, 1958.

_____. *Prose politiche e letterarie dal 1811 al 1816* (a cura di Luigi Fassò). v. VIII. Firenze: Le Monnier, 1933.

_____. *Esperimenti di Traduzione dell'Iliade*. Vol. I, II e III. Edizione Nazionale delle Opere di Ugo Foscolo. Firenze: Le Monnier, 1961.

_____. *Prose politiche e apologetiche (1817-1827)* (a cura di Giovanni Gambarin). v. XIII. Firenze: Le Monnier, 1964.

WELLEK, R. *Conceitos de crítica*. Tradução Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, 1963.